

DE LESTE A OESTE

Soraia Maria Silva¹

As cigarras anunciavam seus primeiros cantos, a fresca da madrugada amenizava as lembranças daquela noite mal dormida. Poderia André novamente suportar aquela situação? Infinitas vezes suportara.... Caminhou cautelosamente pelo apartamento até a varanda, abriu a porta de vidro com cuidado para não acordar os vizinhos que àquela hora ainda dormitavam esperançosos. Nenhuma luz no céu suavizava-lhe a espera, o sono despedira-se apressado. A discreta brisa ardia-lhe sob a pele despertando a sua insistente imponderabilidade, era o destino e suas amarras, e mais uma vez ali, só, meditava em seus passados prenes de acontecimentos e vazios de presente. Do apartamento vizinho chegava a voz rouca de Elis: As aparências enganam... A canção se repetia monotonamente esquecida. O amor lhe parecia um tema fácil. Embora tantos amores tenha vivido, tantos encontros furtivos, tantos casamentos e descasamentos; sabia os sentidos dialéticos do ódio e do amor, marcados em sua carne não mais tenra. Mas das paixões também não mais podia falar. Edilene havia saído há pouco, seu cheiro de baunilha ainda lhe impregnava os sentidos, de onde vinha aquele cheiro? Em uma de suas andanças por Boston comprara um creme de massagem, era de baunilha, mas o cheiro não era o de Edilene... Ainda soava em seus ouvidos a sentença recém anunciada em voz rouca e apaixonada: Casa comigo! A frase veio clara e curta como a mais verdadeira mentira. Tudo o que ela sempre quisera ouvir, o

¹ Bailarina, formada pela Unicamp; mestre em Artes/Dança/Unicamp; doutora em Teoria Literária/UnB; autora de *Profetas em movimento* (Edusp, 2001), tem colaborado com artigos sobre dança na coleção Stylus da Editora Perspectiva. Atualmente é professora no Departamento de Artes Cênicas da UnB e coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia (CDPDan). soraia@unb.br

que eu nunca dizia e ela insistia sem pudor e mecanicamente alucinada. Suas curvas suaves e perfeitas sob meus dedos tornaram-se espinhos em flor naquele momento. Todos os meus casamentos tinham sido uns fracassos. Agora me sentia perfeitamente bem e feliz. A minha terapeuta sempre me diz: “você é o único realmente resolvido entre os meus clientes, só você pode sentar aqui e dizer que é feliz!” Meus quatro filhos Marta, Viviane, Mariana e Felipe todos muito amados por mim, principalmente as minhas princesas, essas sim, são minhas verdadeiras mulheres, aquelas que realmente respeito e amo. Mas essa Edilene, uma amante insistente, bela amante. Algo espiritual atraiu-me a ela, essa necessidade urgente de mim, tudo isso me surpreendeu. De onde veio esse mistério que nos uniu? Seus poemas em gestos indecisos, suas incongruências e insistências me atraíram. “Eu só descanso em ti”, “Seus dedos despertam misteriosas e lindas harmonias em meu corpo!” Essas coisas que ela diz penetram o meu espírito, eu nunca tive isso. Ela quer casar ter filhos e é monasticamente monogâmica. Imagine, eu que já vasectomizado em matéria de amor, obliterado em todas as relações bilaterais com o sexo oposto. Mas estranhamente em seu corpo gozo delícias de expressões conhecidas e desconhecidas, o seu corpo é o recipiente do meu completo gozo, seu corpo copo “é o meu vinho, é o meu pão, a recordação”... E sinto certa necessidade de sua presença física. “Amado André o amor é o dom supremo”, e o sofrimento divino também é muito mais intenso... Nesse caso as minhas distâncias são necessárias.

Edilene mais uma vez cruzava o grande eixo de suas avenidas interiores. Nortes não haviam, embora ali tivesse pousada. O sul era-lhe desconhecido íntimo e com palavras construía mistérios e ministérios edificadas em góticas enleaves poéticas. Assim sobrevivia à sua solidão. Sempre só, ultimamente caminhava com André em seus próprios gestos edificadas de mais uma ilusão, como outras tantas Julietas, Romeus não meus, tão conhecidas falas. Boa-Noite André, Boa-Noite Juliano, Boa-Noite Valentino, Boa-Noite Valdir, Boa-Noite Gentil alma que partiste, todas justas, mas não justificadas. A todas tantas noites boas e más em que sempre cantava a cotovia. Na sua rádio mental insistiam os repetidos e monótonos versos perpetuados naquela voz única da Elis: As aparências enganam aos que gelam e aos que inflamam... Nesse instante Edilene respirou profundamente como a própria Elis, um fôlego necessário para se cumprir o final. André

ardia-lhe o ventre. Nunca sentira tão selvagem união de carnes, algo novo e velho acontecera, além em todos os sentidos, dimensões e direções. “Graças aos deuses!” Ele dissera. E nos seus esquecimentos, enfraquecimentos de alma, nesse instante, com essa frase acordara do torpor embrutecido daquele conluio de corpos. Não poderia concordar com aquela frase... Estava exaurida, de todos os movimentos naquele dia realizados, anos se cumpriram em apenas um dia, e esse fim, essa sensação de algo que nunca começou. Assim, exposta em sua nudez, com sangue a escorrer-lhe na alma, sentiu o enjôo com o cheiro do cigarro e daquela figura sobre o criado, ambos mudos aos ouvidos de André. Como ele não percebia isso? Seu corpo sendo consumido, sua alma esvaídos nos espaços privados, no isolamento das escolhas, presentes e ilusões luxuriantes de “uma amiga muito respeitosa”, e as expressões de seu rosto magro me lembravam aquela série de Flávio de Carvalho quando pintou sua mãe agonizante nos braços da morte. Quadro a quadro, aos pés de André observava a morte rondando e seus ruídos. O som dos pratos quebrados e os gemidos inexatos permaneceriam nas desarmonias daquele moço. As lágrimas insistiam em não brotar dos seus olhos cansados, mas Edilene não mais sorria, presentia as novas distâncias que viriam... Suportaria novamente aquela situação? Infinitas vezes suportara! Mas André lhe abriera novos espaços, rasgando-lhes os medos, sentia-lhe uma ternura indizível, uma necessidade amorosa de vê-lo, presencia-lo, estar ao seu lado era algo irrealizável e profundamente desejável. Aquela obsessão começara na lavanderia, buscara-lhe o cheiro nas roupas recém lavadas, um gesto que surgiu indistinto e instintivo. Como as abelhas presentem o mel, nas flores o seu caminho, nele ela achara caminho, os seus caminhos inexplicáveis e de intrincadas trilhas. Aquele cheiro em seus cabelos, de onde vinha aquele cheiro? Buscava-o em todos os lugares, em todos os xampus, cremes, comprara produtos em vão, onde estava aquele cheiro... Abriu a porta de sua casa, sobre o cinzeiro quebrado o girassol morto, ressequido. Enviou-lhe um email: “saí o meu livro!”. No outro dia: “O meu girassol morreu!”. Duas semanas depois ela ligou, ele havia chegado da América do Norte e estava na asa norte, na casa de um amigo e ia para o sudoeste correndo, não tinha tempo para outras estadas. Ele ainda veio, beijou-lhe na escada e disse que nunca tinha tido a sorte de encontrar alguém que beijasse bem. “Você encontrou?”... Aos poucos suas entranhas saravam, suas feridas cicatrizavam. Abriu o email: “oi, linda e adorada ... perdão por minhas idas e vindas... mas capricorniano é terrível com trabalho e

prioridades. ainda pensei em te ligar ontem à noite, mas já era bem tarde qdo cheguei em casa...hoje foi um dia corrido, tb e a noite promete muito trabalho... e ainda tenho q começar a produzir o texto e powerpoint da minha apresentação na Venezuela. bjs saudosos (vou correr...)”... Edilene lia quieta e pensativa, sentia ainda aquele insistente perfume, já desvanescente e incompleto. Os girassóis sempre morriam em sua vida fugaz. No seu interior fechavam-se-lhe novamente as clareiras recém abertas e novas e robustas raízes ali se aprofundariam. Edilene amava André de tal maneira... “Não há mais nada para se fazer” e o sol em reticências no oeste... Ainda seria possível uma boa caminhada a luz do dia? Fechei a porta, as chaves guardei-as no peito esquerdo, e saí revendo os meus eixos metaestáveis purificando os pulmões de velhos hábitos e sentindo em atmos de tempo o volátil e maravilhoso perfume...